

Os deuses do vento

Norval Baitello Junior

PUCSP

As três catástrofes e o binômio “inabitual-inabitável”

Em uma notável conferência sobre “Reflexões nômades” Vilém Flusser apresenta uma surpreendente e interessante proposta de análise dos temas história, tradição, patrimônio e seus correlatos escrita, mobilidade e cidade. Já em outras oportunidades escreveu ou falou sobre casas e tendas, sobre cidade, sobre imagens técnicas, sobre a escalada da abstração. Em um ambiente de discussão de temas como “reconstrução de cenários históricos por meio de modelagem virtual” parece oportuno trazer alguns conceitos desenvolvidos por ele em sua filosofia da Mídia (com uma compreensão ampla e rica da palavra ‘mídia’), incluindo-se àqueles mencionados acima ainda o complexo de “ciências arqueológicas”.

Principiamos com suas “Reflexões nômades”. O ser humano teria passado, em sua evolução, por três grandes catástrofes: a primeira delas, a hominização, com a descida das copas de árvores, a necessidade do caminhar bípede e ereto. Da primeira catástrofe surge um ser nômade que na atividade de “fahren” (‘deslocar-se’) desenvolve o “erfahren” (‘conhecer, reunir experiências’). A segunda catástrofe modifica sua natureza radicalmente, inserindo-o fixamente na vida em aldeias, em torno das quais são domesticados e cultivados vegetais e animais. Surge aí, do sedentário (cujo verbo é “sitzen” ‘estar sentado’), o possuidor e acumulador de bens (cujo verbo é “besitzen” ‘possuir’).

Durante este breve período sedentário de pouco mais de 10 mil anos, no aconchego e na proteção das habitações, surgem a escrita e os sistemas lógicos dela advindos, que permitiram o desenvolvimento da ciência e da técnica. Mas este período estaria no fim, pois estamos vivendo o advento da terceira grande catástrofe, ainda sem nome, na qual a proteção e o aconchego das habitações deixou de existir, pois elas estão perfuradas por todos os lados, permeáveis ao “furacões da mídia”. Assim nossas casas se tornaram inabituais (“ungewöhnlich”) e por isso inabitáveis (“unbewohnbar”), convidando-nos a viajar, navegar, surfar nas ondas do virtual. Se a hominização foi ditada pelos deuses do vento, levando o homem a seguir sempre

por caminhos imprevistos e surpreendentes, a civilização foi regida pelas divindades da terra. Com o advento da “catástrofe sem nome”, retornamos todos aos destinos tecidos pelo vento, somos compelidos a um novo formato de vida.

Ora, tal desafio, impulso ou compulsão implica em uma nova prática de nomadismo e mobilidade, em uma nova concepção de fixidez e referência, em uma diferente percepção do espaço (e fundamentalmente de seu cerne germinador, o corpo). Não por acaso Flusser dizia: “Espaço, eis aqui as minhas dores”.

O ocaso das coisas e a escalada da abstração

O crescente desvalor que vem impregnando as coisas fixas, permanentes, imutáveis ou pouco mutáveis e grandes, em favor das efêmeras, móveis, descartáveis e miniaturizadas, de fácil deslocamento, é uma das primeiras conseqüências da terceira catástrofe. Para seguir o vento é necessário desfazer-se de todo lastro possível. Por isso as coisas materiais são obstáculos à nova mobilidade e perdem valor em favor das não-coisas. Software vale mais que hardware. Imagem vale mais que corpo. Informação vale mais que matéria-prima. As três dimensões da existência física vão sendo abstraídas (quer dizer ‘subtraídas’) pelas realidades bidimensionais (das superfícies), pelas unidimensionais (da linearidade e da escrita) e pelas nulodimensionais (do cálculo e das realidades virtuais). Por isso emerge cada vez mais forte, ao lado das coisas que resistem, um novo mundo de não-coisas. Este mundo, em consonância com as tendências da “terceira catástrofe” opera segundo a lógica de uma escalada do abstrato, o que significa uma renúncia gradativa a todo tipo de corporeidade.

A escalada da abstração inicia quando o homem começa a deixar suas marcas sobre superfícies de materiais distintos, transformando seu gesto tridimensional (ou quadridimensional, se consideramos a dimensão da temporalidade) em imagem bidimensional. Perde-se uma ou duas dimensões do mundo vital (Lebenswelt), em busca de uma presença simbólica. Tais imagens proliferam e começam a se simplificar em pictogramas e depois em ideogramas ou letras, nos quais prevalecem a dimensão da linha e da linearidade, portanto do reino da unidimensionalidade. Perde-se aqui mais uma dimensão do espaço. Com a linha surge o pensamento lógico e a percepção do histórico como seqüência ou como continuidade. Tal

pensamento possibilita um explosivo desenvolvimento de aparatos teóricos e artifícios técnicos, uma ciência que viabiliza a simulação de linhas e superfícies e depois de volumes, a partir apenas do ponto ou do grânulo, do pixel ou do zero. Tal é a realidade das nulodimensões ou das “não coisas”, que culmina a escada descendente da abstração.

O reino do lixo e as ciências arqueológicas

Diante de tal tendência à imaterialização do mundo e da vida, algumas operações regressivas tornam-se fundamentais para o resgate dos valores e instâncias fundantes do humano. Estas operações e sua codificação em disciplinas Vilém Flusser as reúne sob a rubrica de ciências arqueológicas. A elas pertencem os estudos de arqueologia, as ciências da psique, os estudos da história, todas que se ocupam de buscar camadas profundas da vida e do homem. Elas resgatam tudo o que foi um dia descartado e soterrado sob o peso do tempo, por ter aparentemente perdido sua utilidade. Tais objetos e seus valores oferecem aos dias de hoje um sentido profundo, um sentido lastreador `como antídoto para a imaterialidade e para a abstração. Ao lado, portanto, do reino da natureza e do reino da cultura estaria surgindo um terceiro reino que congrega o que já não é mais natureza nem cultura, o reino do lixo, com sua lógica própria e sua gritante urgência em ser devidamente avaliado e revalorizado.

Interessante observarmos que, para este resgate e esta revalorização, as ferramentas oferecidas pela técnica da nulodimensionalidade terminam por ser de enorme e indispensável valia.